

Brasil no plural: a identidade em questão

Ana Paula Nazaré de Freitas¹

BARBALHO, Alexandre (Org). **Brasil, Brasis: Identidade, cultura e mídia**. Fortaleza: Demócrito Rocha, 2008.

Brasil, Brasis: Identidade, Cultura e Mídia, organizado por Alexandre Barbalho, reúne dez artigos sobre a questão das identidades. Dividido em duas partes, o livro abrange discussões filosóficas – “As (im)possibilidades da identidade” – e estudos de caso – “Expressões culturais e midiáticas do Brasil contemporâneo”.

A obra estimula a compreensão da pluralidade político-cultural do Brasil, acrescentando uma visão crítica aos estudos dos processos culturais brasileiros.

No primeiro artigo “Crítica da noção de identidade cultural (ou étnica, nacional, etc.)”, Eduardo Diatahy desenvolve um trabalho de conceito, fazendo um incursão sobre a noção de identidade. O autor questiona e problematiza a validade do conceito de identidade para análises de processos culturais, uma vez que remete ao pensamento da lógica e da matemática, envolvendo características como a mesmidade e a imutabilidade espacial e temporal:

O mínimo que se pode dizer desse procedimento é que ele é abusivo e vazio do ponto de vista epistemológico (...). Tudo quanto antes era conhecido como filiação, fidelidade, laços, vínculos, pertenças, lealdades, padrões, tradições culturais, status, papéis, atitudes, crença, mentalidade, condição, aspecto, traço, caráter, personalidade, etc. tudo hoje recebe levemente um único nome: “identidade”. (DIATAHY, 2008, p.34)

No segundo texto que compõe a primeira parte do livro, “A pós-modernidade e a superação da estrutura formal da questão sobre a identidade”, Fábio Castro traz a discussão sobre a questão ontológica da identidade, partindo da discussão sobre o Seráí (Dasein) heideggeriano, pensando a questão da identidade como simultânea à questão do Ser. Assim, as duas formas de indagar sobre a identidade (ôntica e ontológica) fundem-se, caracterizando a identidade como um fenômeno reflexivo. O autor faz uma incursão na tradição filosófico-metafísica sobre a questão da identidade, demonstrando o processo ontológico e reflexivo que configuram a estrutura formal da mesma. Com o

¹ Mestranda em Políticas Públicas e Sociedade da UECE e membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Políticas de Cultura e Comunicação. E-mail: anapaula.freitas@gmail.com

intuito de demonstrar como o debate pós-moderno possibilita e potencializa a superação desta estrutura formal, Castro considera:

A pós-modernidade como um padrão de pensamento crítico cujo efeito central é a corrosão da estrutura formal da ontologia metafísica ocidental. Pós-modernidade, (...) significa o rompimento dos grandes primados que, sucessivamente na história do pensamento, afirmaram a ontologia metafísica. O núcleo duro desses primados residiria na noção de essência – ou melhor, de que o ser verdadeiro é o ser que se aproxima da sua essencialidade e que, nesse processo, adquire duração, presentidade e substância (CASTRO, 2008, p.56-57).

Inaugurando a segunda parte do livro, o artigo de Keyla Negrão “Quem fala de cinema na Amazônia oriental: notas sobre a crítica cultural de cinema no Pará” traz uma análise sobre a Amazônia a partir de um estudo sobre o movimento da crítica cinematográfica no Pará. Negrão pretende dar pistas de como as práticas sociais dos críticos conformam narrativas sobre a Amazônia. Segundo a autora: “Um movimento, que pela sua natureza dispersa no tempo, com personagens descontínuos dessa narrativa cultural da Amazônia, não poderia conformar uma idéia única de Amazônia”. (NEGRÃO, 2008, p.67)

O artigo “Iracemas do Ceará: Identidade, política cultural e o romance de Alencar”, de Alexandre Barbalho, traz a discussão sobre o romance Iracema, de José de Alencar, e os usos que as políticas culturais fazem deste mito fundador. Trata-se não somente da conformação da identidade brasileira, mas também de um dispositivo de afirmação da identidade cearense. O autor se debruça sobre dois momentos históricos específicos: os eventos em torno do centenário da morte de José de Alencar, em 1977, durante a ditadura militar, e as recentes comemorações aos 140 anos da obra Iracema, em 2005. Barbalho demonstra que Iracema não funciona mais como mito fundador da nacionalidade brasileira, mas que tem ganhado força na construção da “cearensidade”:

Podemos observar os usos de Iracema, ao longo deste quase século e meio, como importantes estratégias de construção da identidade nacional e local (cearensidade) e modos de interpelação discursiva agindo em nome do povo e do poder constituído. Mas, apesar de toda a força narrativa pedagógica de cunho identitário, baseada em origem histórica pré-estabelecida, ela não consegue, de fato, cimentar as diferenças. (BARBALHO, 2008, p. 93).

O artigo de Ângela Prysthon, “Manguetown: musica pop e transformações urbanas no Recife dos anos 90”, parte da discussão sobre o movimento Mangubeat, estabelecendo as principais tendências e marcos teóricos da cultura global desde o final do século XX. Discutindo a cultura como recurso e tratando o cosmopolitismo e a

diferença cultural como estratégias políticas, a autora busca desvendar o novo papel da periferia nestes processos:

Falar sobre a diferença cultural e suas relações com a cultura cosmopolita pressupõe debruçar-se sobre uma das transformações mais essenciais no campo cultural nas últimas décadas do século XX: a experiência do descentramento – em vários sentidos e não apenas no territorial (...). Toda uma gama de processos e discursos que redimensiona o papel da periferia na história. (PRYSTHON, 2008, p. 97).

“O mito baiano: viço, vigor e vícios”, quarto artigo da segunda parte do livro, escrito por Luiz Nova e Paulo Miguez, traz o debate sobre a “baianidade”, a construção idealizada de uma urbe poética, o papel dos media nestas construções imagéticas e narrativas, assim como suas implicações na construção e consolidação da hegemonia de um grupo político. O texto aborda também como esta identidade, construída com (falsas) pretensões uniformizadoras, conforma uma imagem de cidade/empresa (evidenciado principalmente no carnaval), de forte apelo mercadológico:

O discurso identitário e da cidade feliz é artifício teórico de acolhimento, enquanto necessidade política, para se vender a cidade/mercadoria, criando a empatia da marca com o consumidor e produzindo o discurso da inclusão interna. No caso da cidade, palco de desigualdades e carências, a harmonia decorre da baianidade – da cidade feliz, de um povo que sorri, mesmo quando deve chorar –, enquanto discurso constituído para instituir o consenso dos cidadãos. (MIGUEZ; NOVA, 2008, p.138).

Em “Identidade goiana: do tradicional rural ao caipira – pop”, Maria Luiza de Mendonça discute as relações entre mídia, consumo e identidade, demonstrando como a reconfiguração do rural, a partir de padrões culturais importados dos Estados Unidos (a imagem dos cowboys, agora re-significados e adaptados à cultura goiana), contribuíram para a conformação de um “universo sertanejo”. A autora afirma que não se trata de uma possível resistência cultural, mas uma forma local de negociar com a cultura hegemônica:

Se a configuração de identidades pode ser transportada para a esfera da luta simbólica, para o terreno da cultura e das práticas sociais, entende-se como mais adequado, aqui, perceber esse fenômeno como uma forma local e particular de assimilar e negociar com a cultura hegemônica internacional, uma vez que a posse de riqueza e o consumo ostensivo de determinados produtos pretendem mostrar claramente certa desenvoltura necessária para transitar entre dois mundos: periférico/rural e metropolitano/global. (MENDONÇA, 2008, p. 156-157).

Em “A megalópole carioca”, Raquel Paiva e Muniz Sodré fazem uma descrição do Rio de Janeiro, buscando compreender a mudança histórico-cultural da cidade, conformada agora em megalópole. Os autores demonstram como as políticas urbanas se

apresentam mais como uma simulação culturalista, permeada por imagens midiáticas, do que em intervenções inclusivas em zonas periféricas:

No Rio (...), a modernização apresenta-se mais como uma simulação culturalista (televisão, revistas, publicidade turística, moda, etc.) do que como o resultado de um desenvolvimento real, ligado à expansão de atividades produtivas, geradoras de empregos e distribuidoras de renda. As classes dirigentes sustentam um anacrônico perfil oligárquico-populista, enquanto os setores 'gentrificados' e patrimonializados da cidade, sempre articulados com fortes interesses imobiliários, empurram, aos poucos, o resto para uma deterioração inapelável. (PAIVA; SODRÉ, 2008, p. 179)

Maria Cândida Ferreira analisa a identidade mineira a partir de expressões da literatura, da música e das artes plásticas e do vasto conjunto de anedotas sobre o ser mineiro. "Mineiridades contemporâneas: entre o poético e o anedótico" mapeia as expressões artísticas que compõem uma "dor de origem" e, a partir daí, demonstra as tentativas de inserir essa identidade em suposições universais: "O riso, parte antagônica e complementar da dor, colabora para produzir os paradoxos da mineiridade, como tratamos aqui: dor/riso, local/universal, religioso/critico" (FERREIRA, 2008, p. 205).

O último artigo do livro, "Cultura gaúcha e construção da identidade regional" de Nilda Jacks, traz a análise de dois movimentos identitários do Rio Grande do Sul: o nativismo e o tradicionalismo. O artigo faz um panorama histórico sobre o surgimento e a estruturação dos movimentos, destacando o papel dos meios de comunicação na consolidação desses processos culturais:

Certamente, a explicação possível é que se tratou de um movimento que conseguiu impor-se porque trouxe, no seu bojo, uma força intrínseca muito grande e significativa, acrescido do fato de ter sido estruturado com bases locais e apoiado por instituições da sociedade civil e pelos meios de comunicação de cada cidade que criou seu festival (JACKS, 2008, p.227).

O livro Brasil, Brasis: Identidades, Cultura e Mídia é certamente leitura obrigatória àqueles que se debruçam sobre os estudos de cultura e mídia sob um ponto de vista crítico da questão das identidades, propiciando uma viagem que parte de problemas teórico-filosóficos sobre a questão, e nos leva a uma incursão pelos vários Brasis identitários, suas conformações, diferenças, contendas, desafios e analogias.